



Foto Luis Gevaerd

Montoro chega ao fim da campanha procurando evitar o triunfalismo

Superar Quércia, a meta que Montoro quer atingir

JOSÉ MARIA SANTANA

O voto dos artistas é de Fernando Henrique
O artista dos votos é Franco Montoro

Não chegou a haver guerra declarada, mas Franco Montoro encerra sua sétima campanha parlamentar, e a segunda ao Senado, mais preocupado com os votos que perderá para Fernando Henrique, também do MDB, do que para Cláudio Lembo, teoricamente seu maior adversário. O temor do veterano representante da oposição é de que, embalados pela constatação de que ele "já ganhou", alguns de seus possíveis eleitores transfiram sua preferência para o outro candidato do partido. Nada agradaria mais a Montoro do que suplantar os 4,6 milhões de votos de Quércia, em 74.

De público, nos comícios encerrados domingo, nas concentrações e encontros eleitorais, a campanha foi toda dirigida contra a política econômica do governo e a possibilidade de o povo, por meio do voto, reconquistar a democracia, dando a vitória ao MDB. Internamente, entretanto, não faltaram atritos com o comitê de Fernando Henrique. Acusações mútuas de "ultrapassado" e "elitista" não chegaram a causar divisões maiores no partido por causa dos acertos pessoais entre os dois candidatos.

Domingo mesmo, quando os dois se encontraram na saguão do aeroporto de Congonhas, aguardando a chegada do general Euler Bentes para o comício de encerramento, em Osasco, Fernando Henrique mostrou-se descontente com o fato de o novo filme de propaganda do MDB — com o fundo musical "Peixe Vivo" — fixar mais o nome de Montoro do que o seu. Montoro, por sua vez, também não havia gostado de declarações de Fernando Henrique, feitas no dia anterior, pedindo que votassem nele, já que o atual senador está reeleito.

"Nada disso", diz o senador. "Esse negócio de já ganhou é muito perigoso", comentou para um amigo que foi a sua casa domingo, apanhar material de propaganda que será distribuído amanhã, junto às seções eleitorais. Apesar de as estatísticas, que ele acompanha com a curiosidade de um principiante, indicarem a preferência do eleitorado por seu nome, ele trabalhou na campanha durante todo o último dia, deixando ainda marcadas visitas a comitês de

candidatos à Assembléia e Câmara Federal.

No dia do encerramento oficial da campanha, Montoro levantou-se às 9 e 30, mais tarde que o habitual, cansado dos inúmeros comícios na noite anterior, na região de Sorocaba. Mas os seis filhos — apenas um, que está nos Estados Unidos, não trabalhou para a reeleição do senador — já estavam em sua casa, no Jardim Paulista, transformada em comitê eleitoral, cuidando da distribuição das engenhosas mesas de papelão destinadas aos cabos eleitorais que hoje ficarão nos locais de votação, de pacotes da 5ª edição do "ABC dos direitos do trabalhador", de cartazes.

O Dodge preto, placa da Assembléia, colocado à sua disposição pelo deputado Evandro Mesquita, já o esperava para levar ao Brasilton, onde o candidato à Assembléia e João Paulo Arruda, que pretende voltar à Câmara, haviam alugado um salão para um encontro com cabos eleitorais. Montoro entrou na sala acarpetada ("Isso para mim é novidade, estilo americano.") levando numa mão um pacote do "ABC" e na outra, escondida pelo paletó, uma latinha de pastilhas Valda, para a garganta.

Evandro Mesquita o apresentou à platéia e Montoro não perdeu tempo, fazendo talvez o milésimo discurso da campanha. "Muitos perguntam porque eu continuo a trabalhar. Apesar de apontarem a preferência do eleitorado por meu nome, é preciso continuar a campanha, para que sejam eleitos mais candidatos do MDB à Assembléia e Câmara." Em seguida, o lembrete — "votem em Franco Montoro".

Novamente em casa, fez diversos telefonemas para correionários do Interior, almoçou pela primeira vez em muitos dias.

O atraso do general Euler na chegada a Congonhas atrapalhou o programa do senador, que pretendia participar da entrevista coletiva à imprensa na Câmara de Osasco, antes de seguir para o Interior e retornar para o encerramento da campanha do partido. À tarde, ele foi a Osasco apenas para acompanhar Euler e cumprimentar o prefeito Guagu Piteri e retornou em seguida ao aeroporto, onde um avião fretado aguardava para levá-lo a São José dos Campos. Lá e em Caçapava fez os três últimos discursos, antes do comício final.

A campanha, encerrada com fogos e gritos em Osasco, às 23hs do domingo, começou realmente em junho, no dia da tumultuada convenção regional do partido. "Ganhei esta campanha na convenção", assegura Montoro. No último dia ele recordava, em seu escritório chelo de livros de Direito e Filosofia, "a verdadeira batalha da escolha de candidatos". Hoje ele considera sua indicação o primeiro grande momento da disputa pela reeleição.

"O maior risco era eu não ser candidato. Às vésperas da convenção soube que havia um movimento para que eu ficasse fora da escolha, com a alegação de que era candidato nato." Preocupado, passou a noite de 9 para 10 de junho ao telefone, conversando com delegados do Interior, convencendo-os de que precisariam votar nele para candidato.

Gastou o dia da convenção realizando o mesmo trabalho, disputando a escolha com Fernando Henrique, Samir Achoa e João Arruda. "Consegui quase 70 por cento dos votos." Para ele, a convenção foi importante também porque "lá surgiu a idéia da emenda Montoro".

O segundo momento da campanha foi seu primeiro giro pelo Interior, entre agosto e setembro, percorrendo cerca de 200 municípios de todas as regiões e sub-regiões do Estado. Quase sempre eram encontros com lideranças partidárias nas Câmaras locais. A terceira etapa, diz ele, foi a votação da emenda que levou seu nome, pelo Congresso, propondo o restabelecimento das eleições diretas para os governos estaduais e Senado. A emenda foi rejeitada em outubro, mas certamente ajudou a divulgar o nome de Montoro. Dias antes, nesse mesmo mês, um susto: o Deops paulista apresentara denúncia à Justiça Eleitoral de que ele havia participado de comício não autorizado, a 25 de setembro. O processo acabou arquivado.

Montoro garante não ter gasto muito na campanha, "não chegou nem ao limite admitido por lei". Parte dos recursos foi angariada num jantar em que mais de 500 pessoas fizeram contribuições. Domingo estava encerrando seu segundo giro pelo Interior, diferente do primeiro por causa dos comícios, passeatas, manifestações populares. Com um sorriso maroto, revela o que, certamente, é um sonho futuro. "Em muitas cidades, as pessoas gritavam 'presidente, presidente'. Impressionante, não?"